

## **INTELECTUAIS E JORNAIS HUMORÍSTICO-LITERÁRIOS NA REPÚBLICA DAS LETRAS POTIGUARES (1889-1930)**

Maiara Juliana Gonçalves da Silva\*

Esse texto é fruto de uma pesquisa desenvolvida Programa Pós-Graduação de História, intitulada “Homens de letras na cidade do Natal”. Tem-se por objetivo analisar a atividade de intelectuais nos jornais humorístico-literários na cidade do Natal durante a Primeira República (1889-1930).

O recorte estabelecido consiste no período de florescimento das letras potiguaras. A Primeira República constitui a época de intensificação das produções culturais potiguaras, uma vez que consideramos o desenvolvimento da Imprensa e (baixa) produção de obras de escritores norte rio-grandense letras (GURGEL, 2008, p. 17). Como o mercado do livro não era nada lucrativo, os grupos de homens letrados buscaram inserir-se nas atividades jornalísticas na cidade utilizando a imprensa como meio difusor de suas ideias e percepções do mundo. Durante a Primeira República, o controle dos jornais era alvo de disputas entre grupos oligárquicos (MICELI, 2008, p.54). No Rio Grande do Norte, *A República* (1889) e o *jornal Diário de Natal* (1895) correspondiam, respectivamente, aos órgãos da oligarquia Albuquerque Maranhão e aos grupos de oposição. Um jornal era porta-voz de grupos oligárquicos. Embora a imprensa potiguar fosse controlada pelo grupo político dominante, também destacou-se, em Natal, um grupo de intelectuais responsáveis pela produção de pequenos jornais que se autointitulavam jornais literários humorísticos.

Durante as quatro primeiras décadas do século XX, circulavam na cidade pouco mais de 20 jornais de cunho humorístico e literário na cidade do Natal, entre eles encontram-se os objetos que serão analisados nesse trabalho: *O Olofote* (1918), *O Fon-fon* (1920) e *O Papafigo* (1922)<sup>1</sup>. Tais jornais permitem-nos discutir as colaborações da intelectualidade potiguar na Imprensa natalense, em dois aspectos: as produções literárias e uma produção de conotação mais humorística. Podemos relacionar essas publicações cômicas à produção de uma consciência crítica por parte desses jornais. Acreditamos que esse grupo de intelectuais encontrava-se à margem das relações de poder estabelecidas durante a Primeira República, e, por meio dos seus impressos cômicos, buscavam-se algum tipo de consagração na República das Letras potiguaras. Desse modo, no texto que se segue, buscamos pensar as seguintes questões: quem era esse grupo de intelectuais? Que ideias eram veiculadas em suas palavras

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista CAPES. E-mail: maiara\_juliana@yahoo.com.br

impressas? Por meio de que correspondentes linguísticos expressavam sua visão de mundo? Quais eram os mecanismos de produção e difusão desses periódicos?

### **Os homens de letras do jornal literário-humorístico natalense**

Os literatos da cidade do Natal atuaram na produção intelectual criando, transmitindo ideias, símbolos, interesses, visões de mundo mediante o uso da palavra na publicação de livros e atuação na imprensa. Na virada do século XIX para o XX, a capital potiguar vivenciou uma produção cultural como nunca havia sido visto antes. No período da Primeira República, Natal apresentava uma baixa produção no que diz respeito aos livros. Poucos foram os livros publicados por escritores potiguares nesse período<sup>2</sup>. A situação de difícil publicação não se configurava um caso exclusivo do Rio Grande do Norte. Antes da década de 1930, não se verifica uma expansão no mercado editorial. Entre os anos de 1930 e 1937, o crescimento da edição de livros foi considerável (LUCA, 2011, p.118).

Na cidade do Natal, o mercado do livro era de difícil publicação, com baixas tiragens e nada lucrativo. Logo, o desenvolvimento da imprensa no Rio Grande do Norte, instalada na capital desde 1832, proporcionou uma substituição da produção de livros pelo veículo de periódicos na República natalense. As transformações técnicas durante o século XX no Brasil foram essenciais para o crescimento da imprensa. Cresceram as tiragens, circulações mais rápidas, e categorias de chargistas, trocadores, ilustradores. A escrita diminuiu. Os periódicos incorporaram novos gêneros, como reportagens, entrevistas, crônicas, seções especializadas no público feminino, esporte, lazer, vida social, cultura, crítica literária e, ainda, assuntos internacionais (LUCA; MARTINS, 2012, p. 152).

O considerável desenvolvimento da imprensa natalense resultou também em uma mudança na organização de escritores, uma vez que alguns escritores passaram a inserir-se nas atividades jornalísticas. Os homens de letras buscavam encontrar no jornal a notoriedade e o pouco de dinheiro que os livros não lhe concediam (SODRÉ, 1966, p. 290). No caso da cidade do Natal, não é plausível falar-se na atuação desses letrados na imprensa como oportunidade de profissionalização. Em nossas pesquisas, até o presente momento, não identificamos uma espécie de pagamento aos colaboradores que escreviam para os periódicos de caráter literário-humorístico. Em Natal, as colaborações nessa imprensa específica não obtinha uma fonte de renda. Acreditamos que a imprensa, ao invés de oferecer oportunidades de profissionalização, forneceu posições intelectuais e legitimação no universo das letras potiguares. É plausível que esse universo literário natalense tenha sido composto por grupos

de intelectuais que estavam ligados as atividades de publicações – ou colaborações – de jornais e revistas em circulação na cidade.

No entanto, nossas pesquisas atentaram para uma cisão nesses grupos de intelectuais e para a escrita na imprensa apenas como uma parte da oportunidade de legitimação no grupo de letrados. Trabalhamos aqui com uma tipologia de imprensa. De acordo com Nelson W. Sodré, “grande imprensa e pequena imprensa” trata-se de uma divisão, estabelecida por Max Luclerc, voltada para o quadro da imprensa no Brasil no início da República. Enquanto a grande imprensa possuía uma empresa estruturada, maior duração e traduziam-se como porta-vozes de grupos oligárquicos, os jornais das pequenas imprensas eram transitórios e resultado de obra de poucos (SODRÉ, 1966, p. 392). Desse modo, a grande imprensa encontra-se relacionada às formas de relações de poder que se estabeleciam durante os primeiros anos do século XX. No caso de Natal, durante a Primeira República, os periódicos natalenses eram alvos de disputa de grupos políticos. Os jornais *A República* (1889) e o jornal *Diário do Natal* (1895) correspondiam, respectivamente, ao periódico do grupo político Albuquerque Maranhão e ao grupo de oposição encabeçado pelo professor Elias Souto, e atuaram no governo republicano como difusores das visões de mundo e interesses de grupos políticos. Assuntos políticos eram a tônica das matérias na imprensa da cidade do Natal. Identificamos o jornal *A República* e *Diário do Natal* como periódicos que compunham a “grande Imprensa” de Natal, ou seja, de jornais de temas políticos ligados a uma empresa estruturada, com uma maior duração e que se traduzem como porta-vozes de grupos dominantes. O fato é que na República potiguar, um jornal era “forçosamente o porta-voz de grupos oligárquicos, seja daqueles que estavam no poder, seja dos que estavam momentaneamente excluídos dele” (MICELI, 2001, p. 53).

Ainda que os periódicos na cidade do Natal fossem voltados para cunho político, o jornal *A República*, por exemplo, veiculou, em suas páginas amareladas, crônicas, poesia e outros gêneros literários produzidos pelos escritores potiguares que compunham os quadros da redação ou que atuavam como colaboradores do órgão político pedrovelhista. No mais, *A República* também foi responsável por cooperar para o surgimento e manutenção da revista literária *Rio Grande do Norte*, veículo que aglutinou contribuições dos mesmos homens de letras que formavam as redações do jornal oficial da capital norte rio-grandense na Primeira República. Todavia, também foram identificados em circulação no espaço da urbe natalense, durante o mesmo período, pequenos jornais e revistas de vidas efêmeras, publicados por grupos de (aparentemente) intelectuais desconhecidos.

Podemos identificar que uma boa parte desse grupo mantinham relações com os membros políticos da oligarquia Albuquerque Maranhão – quando não, os próprios políticos atuavam como escritores/jornalistas na República potiguar. Como, por exemplo, observemos o caso da *Revista do Rio Grande do Norte*. A revista literária produzida pelo Grêmio literário *Polymathico* consistia nas produções pelos grupos sociais de letrados articulados com a elite oligárquica norte-rio-grandense. O grêmio *Polymathico* publicou em Fevereiro de 1898, a *Revista do Rio Grande do Norte* sob a presidência de Antônio José de Melo e Souza aglutinando, em sua comissão de redação, membros políticos do grupo Albuquerque Maranhão<sup>3</sup> e outras personalidades que mantinham laços de parentescos e amizade com o grupo político pedrovelhista. A revista literária *Rio Grande do Norte* “era constituído pelos maiores da terra, de superioridade em posição social, facilidades materiais, enfim, tudo o quanto é necessário para subir na vida” (MELO, 2008, p.12).

Contudo, outra parte do grupo de letrados identificada encontrava-se a margem dessa relação de poder. Eram os homens de letras que mantinham suas publicações nos jornais de cunho literário e humorístico e que desempenhavam como atividades profissionais: a medicina, o ensino, os trabalhos como tipógrafo, entre outras ocupações que se distanciavam dos cargos políticos dominantes. Esses intelectuais “ignorados” foram identificados, principalmente, nas comissões de redação e no quadro de colaboradores dos jornais literário-humorísticos. Trata-se de nomes desconhecidos no universo de personalidades de artífices das letras na cidade do Natal durante a Primeira República: Fábio Zambrotti (diretor do jornal *O Fon-Fon*), João Leite Cordeiro (diretor de *O Olofote*) e Izac Seabra (diretor de *O Papa-figo*). Homens de letras que buscaram reconhecimento intelectual por meio das colaborações nas páginas dos jornais de vidas efêmeras.

A relação entre atividade de escrita como uma ocupação secundária de grande parte dos homens de letras remete-nos a discutir novamente a existência da profissionalização da atividade de escritor na República das letras natalense. Para a maioria dos escritores, as atividades literárias eram “apenas intervalos agradáveis na ascensão para as carreiras respeitáveis” (NEEDELL, 1993, p.221). As colaborações para a imprensa local não eram remuneradas, conseqüentemente, não eram capazes de garantir o sustento do letrado, por isso à necessidade de os homens de letras potiguares desempenhavam profissões paralelas. Ao artista das letras natalense, a atividade de escritor era “incapaz de definir e alimentar aqueles que se vale dela” (BOURDIEU, 1996, p. 270).

Logo, pensamos aqui no intelectual da República Velha de Sérgio Miceli. Como aquele homem de letras que mantinham dependência com o poder político, de modo que, as

trajetórias de vidas em meio ao universo das elites dirigentes, as consagrações simbólicas e os apadrinhamentos eram condições necessárias à produção intelectual entre 1889 a 1930 (MICELI, 2008, p. 87), e a existência de um grupo que se encontrava às margens desses tipos de relações. Assim sendo, as produções dos homens de letras que escreveram para os jornais literário-humorísticos, os marginalizados, àqueles que pairaram distantes dos cargos políticos legados por Pedro Velho são o cerne de discussão no presente texto. Essas diferenças, apontadas inicialmente, estimula-nos a pensar a existência de um grupo de letrados que, mesmo sem pertencer aos cargos políticos em Natal, almejavam alcançar legitimação e posição intelectual por meio dos escritos na imprensa. Contudo, quais eram os mecanismo de produção e difusão desse grupo? E por que o “fazer humor”?

### **Condições efêmeras dos jornais literário-humorísticos**

Ao lado dos periódicos ligados aos grupos oligárquicos, identificamos outros periódicos sustentados pela parcela de homens de letras que se encontravam à margem das relações políticas da capital. Nas páginas dos jornais que se autointitulavam humorísticos, figuram nomes desconhecidos do universo das letras potiguares e inúmeros pseudônimos. Mas o que eram esses jornais humorísticos? Consistiram em periódicos falaram sobre aspectos da vida social em uma cidade que passava pelo período de “desejo de modernizar-se” e dos atores inseridos nela em forma de sátira, ridicularização e chacota. Tais periódicos difundiram diferenciados gêneros: crônicas, contos, charadas, notícias especializadas em esportes, cultural, mulheres, moda, entre outros. Ao lado das sátiras, esses jornais também veicularam poesias assinadas, em sua maioria, com pseudônimos.

Notemos que os três periódicos *O Olofote* (1918), *O Fon-fon* (1920) e *O Papa-figo* (1922) autodenominavam-se um periódico com a proposta de proporcionar o “humor”, com os tais títulos, respectivamente: “jornal meio sério e meio risão”; “orgam littero humoristico”; e “orgam meio sério e meio risão”. A proposta de produzir o humor, o cômico, a paródia, certamente diferenciava-se dos escritos publicados e veiculados nos demais jornais da cidade natalense – entre eles, a já mencionada *Revista do Rio Grande do Norte*, que se propunha a veicular exclusivamente literatura. Em uma análise comparativa com jornais que compunham a grande imprensa – principalmente, *A República* – identificamos essa diferenciação conteudista. Percebemos que o veículo de notícias sobre a vida social, especificamente na década de 1920, é muito resumo nas páginas *d’A República*. Os escritos sobre a vida social da urbe natalense restringia-se a aniversariantes do dia, filmes exibidos nos cinemas *Royal*

*cinema* e *Polytheama*, batizados ocorridos na cidade, óbitos e algumas notícias sobre o cenário esportivo. No mais, o jornal oficial natalense concentrava-se em difundir notícias de caráter político.

Em oposição também aos jornais da “grande imprensa”, os jornais literário-humorísticos apresentavam curtas durações. Curiosamente, a efemeridade dos jornais já é advertida nas primeiras páginas do primeiro número do jornal *O Fon-Fon*, de 26 de Setembro de 1920: “na santa e querida terra do ‘já teve’ não temos loucas esperanças de durar muito este jornalsinho, no entanto esforçados, resolutos faremos o possível” (O FON-FON, 1920, p.1). A curta existência dos jornais literário-humorísticos provavelmente consiste no seu caráter de empreendimento frágil, ao menos quando confrontada com outros tipos de periódicos pertencentes à “grande imprensa”. Nos primeiros anos do século XX, publicar-se um periódico na cidade do Natal consistia em um verdadeiro desafio, sobretudo, devido à aquisição de papel – de caro custo – e a necessidade de aluguéis de espaços destinados ao funcionamento de redações.

Especificamente, durante os anos 20 – período que se situa os três periódicos mencionados neste texto – a cidade do Natal foi afetada por uma crise de papel de caráter mundial, como podemos observar na notícia a seguir:

A crise mundial do papel de impressão tem determinado os maiores sacrifícios e exigido as medidas mais extremas da parte dos jornaes que se tem visto forçados a diminuir o seu formato e augmentar os seus preços de assignatura, de publicidade e de venda. A REPUBLICA não pode furtar-se aos effeitos dessa crise geral e é dos poucos jornaes do Brasil que tem conservado a sua tabella de preços de antes da guerra, apesar de estar comprando, hoje, por 33\$000 a resma de papel que custava 3\$000 ou menos (...). (A REPÚBLICA, 1920, p. 1)

Diferente d’ *A República*, os pequenos jornais literário-humorísticos não possuíam uma estrutura preparada para enfrentar uma crise de papel com o alto índice do custo. É plausível que com a crise mundial do papel vários jornais tenham perecido. Notemos que o meio de sustentar as publicações dos periódicos muito depende da quantia que o jornal é capaz de arrecadar em sua venda. Enquanto o jornal oficial A REPÚBLICA arrecada cerca de 8 mil réis– para capital e interior – e 10 mil réis – para outros estados – a assinatura por seis meses, *O Olofote*, *O Fon-fon* e *O Papa-figo* eram vendidos avulsamente ao custo de, respectivamente, 200 réis, 200 réis e 100 réis. Além disso, não identificamos a existência de assinaturas desses jornais, provavelmente por causa da sua vida efêmera.

Somamos às dificuldades de publicação, a facilidade que A REPÚBLICA tinha em circular pela cidade. Enquanto o jornal oficial do Estado possuía, na década de 1920, uma

circulação diária, os jornais humorísticos mencionados mantiveram uma circulação semanal, todo domingo. Às vezes, ocorria do jornal não sair no período de costume (semanal), conseqüentemente, passando a publicações de intervalos quinzenais. A dificuldade maior estava também nas publicações das chamadas “edições especiais”. Frequentemente, os periódicos publicados na cidade eram impressos em quatro páginas. Em épocas como o aniversário do jornal – quando este conseguia completar um ano de existência – ou em épocas de festas, como Natal, Ano Novo e Carnaval, publicavam-se seis páginas do jornal. Em 31 de Dezembro de 1922, *O Papa-figo* publicou o seu terceiro número composto por seis páginas devido à comemoração do Ano Novo: “Em regozijo à entrada de anno novo circula hoje em edição especial O PAPA-FIGO” (O PAPA-FIGO, 1922, p.5).

A efemeridade dos jornais literário-humorísticos também estava relacionada a saída de diretores ou alguns dos redatores dos periódicos. Identificamos esse caso no jornal *O Fon-fon*. A coluna “correspondência” no quinto número do jornalzinho, de 24 de Outubro, anunciou: “Fabio Zambrotti – como é? Deixas a direção? É logo do outro número? E o Pedrinho diséstes também? Coitadinho! Quem fica na frente é Odorico?” (O FON-FON, 1920, p.3). No mesmo número publicado, o jornal também anunciava ao seu leitor uma suposta mudança em seu conteúdo em correspondência destinada a João Café Filho: “João advogado Café – o nosso jornalsinho vai mudar um pouco de rumo. Desta nova feição podes tremer. E não mandes o caixão por não sahimos domingo o próximo...” (O FON-FON, 1920, p.3). Só dispomos do jornal *O Fon-fon* até o mencionado quinto número publicado. É plausível que, após a saída do diretor Fábio Zambrotti e da “mudança” pré-anunciada pelo periódico, o jornal não chegou a publicar o seu sexto número.

A última dificuldade que é importante elencar diz respeito às redações e tipografias que publicavam e imprimiam os periódicos literário-humorísticos. Diferentemente de periódicos como a mencionada anteriormente *Revista do Rio Grande do Norte*, com comissão redação e tipografia localizada no mesmo espaço destinado à redação e a impressão do jornal oficial do Estado *A República*, os jornais literário-humorísticos possuíam certos problemas em relação ao estabelecimento desses espaços. Em sua maioria, os pequenos periódicos que circulavam em Natal precisaram alugar prédios para estabelecer a sua redação. Muitas vezes faziam uso de prédios com outras funcionalidades, como é o caso da revista literária *Oásis*, publicada no ano início do século XX (1894) que instalou sua redação em um “*bureau* – cubículo situado nos fundos do prédio então ocupado pela Chefatura da Polícia à Rua Conceição, número 44” (MELO, 2006, p.17). Ainda sobre as condições de estabelecimento do

pequeno jornal, identificamos o relato memorialista do redator Pedro de Alcântara Pessoa de Mello, de 1904:

Mantínhamos ali a nossa séde, nossa oficina tipográfica (3 caixas de tipos e um prelo manual) e nossa redação tudo isso nos custando o aluguel mensal de 10.000 réis. Como mobiliário uma mesa, um armário, 4 cadeiras e alguns caixotes, estes variando de número ninguém procurando saber a razão disso. (MELO, 2006, p. 18)

Ainda que estejamos discutindo um período de mais de quinze anos depois do relato de Pedro de Alcântara Pessoa de Mello, acreditamos que a situação dos periódicos pertencentes à “pequena imprensa” não tenha experimentado mudanças. No ano de 1920, o jornal *O Fon-Fon* não dispunha de uma tipografia própria – como, por exemplo, a revista *Oásis* chegou a dispor dez anos após a sua publicação. O “orgam litterario humorístico” encomendava seus trabalhos tipográficos no Atelier M. Victorino localizado na Rua 21 de Março (*O FON-FON*, 1920, p.3). No caso de *O Olofote*, sabemos que o seu diretor João Leite Cordeiro era tipógrafo. Portanto, é plausível que o jornalzinho era confeccionado por uma pequena tipografia aos cuidados do diretor ainda que essa informação não esteja contida no jornal. Quanto ao jornal *O Papa-figo* desconhecemos informações a cerca do local de impressão do periódico. Curiosamente também, os jornais analisados não oferecem informações quanto à localização do escritório de suas redações. No entanto, ainda que não seja veiculada informação sobre os espaços das redações, sabemos que, na falta dela, toda correspondência direcionada ao jornal poderiam ser enviadas para a residência do diretor do mesmo já que, supostamente, todos os jornais literário-humorísticos analisados recebia telegramas e cartas de leitores.

Dificuldades à parte há que se levar em conta que os jornais literário-humorísticos desempenharam o papel de porta-vozes de pequenos grupos vinculados à produção de humor no cotidiano da cidade do Natal. *O Fon-fon*, *O Olofote* e *O Pap-figo* representam grupos que queriam participar de alguma forma do campo letrado natalense veiculando, em suas páginas desgastadas pelo tempo, a chacota, a sátira e a ridicularização. Um humor veiculado não apenas como um estado de espírito, mas como uma visão de mundo (SALIBA, 2002, p.15). Mas até que ponto, nesses jornais, falava-se sério por meio do riso?

### **A ambivalência do riso**

Em uma análise de periódicos literário-humorísticos, inicialmente, o que nos chama a atenção são os inusitados títulos dos jornais: *O Olofote*, *O Fon-fon* e *O Papa-figo*. Façamos uma análise dos respectivos. *O Olofote*. O vocábulo (h)olofote é definido “como aparelho

destino a projetar ao longe um poderoso feixe de raios luminosos , projetor, foco elétrico” (SILVA, 1953, p. 765)<sup>4</sup>. Se pensarmos na linguagem popular – que também consta na definição do vocábulo – a palavra (h)olofote remete-se aos olhos. As notícias de *O Olofote* nos dá a dimensão de que o jornal serviria a duas funções. *O Olofote* “disposto a clarear até as partes que vivem sempre no escuro, até mesmo aquelas que nunca chegam luz” (O OLOFOTE, 1919, p.1) e “o vigia dos espíritos maliciosos” (O OLOFOTE, 1919, p.3); propondo-se tanto a clarear acontecimentos onde os olhos dos cidadãos não podem alcançar, como atuar com um olhar detetivesco na multidão para o qual nenhum detalhe escapava à sua observação. Ainda podemos inferir aqui a alusão da imprensa como a promotora da luminosidade. O Olofote era a luz. Sendo assim, a imprensa considerada como luz era uma metáfora recorrente aos periódicos natalenses do século XX.

Quanto ao título de *O Fon-fon*, acreditamos que o nome do periódico faz alusão a onomatopeia produzida pelas buzinas do automóvel, assim como o conhecido jornal *O Fon-fon* carioca publicado em 1907 (LUCA, 2012, p. 157). Contudo, diferente do jornal carioca, ilustração não era a principal característica do periódico natalense, embora, tal como o *Fon-fon* do Rio de Janeiro, também veiculasse notícias acerca do cotidiano. Curiosamente, em nossas pesquisas nas páginas d’*A República*, identificamos que na mesma época (1920) circulava na cidade uma marca de cigarro do mesmo nome: “Grande redução de preços as seguintes marcas de cigarro: O FON-FON (fumo picado, preço líquido)..... 10\$000” (A REPUBLICA, 1920, P.3). É plausível que tanto para o jornal, quanto para a marca de cigarro, a escolha do nome tenha se referido a buzina do automóvel pelo fato deste ser parte do símbolo da modernização. Não esqueçamos que, ainda que de maneira específica, a cidade do Natal vivenciava o desejo de modernizar-se sendo contagiada pelo sentimento de transformação tais como as capitais do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Recife.

Por fim, no que respeita ao nome de *O Papa-figo* remetia-se a uma espécie de figura folclorista. Segundo Gilberto Freyre,

O papa-figo – homem que comia fígado de menino. Ainda hoje se afirma em Pernambuco que certo ricaço do Recife, não podendo se alimentar senão de fígados de crianças, tinha seus negros por toda parte pegando menino num saco de estopa. (FREYRE, 1933, p. 368)

A lenda do papa-figo, no senso comum, corresponde a história de um certo sujeito rico que possuía uma doença sem cura e que precisava alimentar-se de fígado de criança para aliviar os sintomas da doença. No entanto, não era o papa-figo que raptava as crianças para comer. Este dispunha de empregados – que na versão de Freyre no Brasil do século XVIII,

corresponde a escravos – que atraíam as crianças colocando-as em um tipo de saco. Portanto, a primeira palavra “papa” remete-se a ação de comer e, a segunda, “figo” ao órgão consumido como alimento: fígado. Desse modo, acreditamos que a figura de o Papa-figo também fazia parte das lendas urbanas na cidade do Natal, tal como sua divulgação na cidade do Recife.

Como já mencionado, os três periódicos analisados *O Fon-fon*, *O Olofote* e *O Papa-figo* autointitulavam-se produtores a serviço do humor. O jornal *O Fon-fon* natalense anunciava o seu propósito no artigo de fundo de seu primeiro número:

Nosso fito será humorista até onde for possível. Fugiremos à polêmica, porque somos adeptos conscientes desse sagrado lemma popular: ‘não brigam dois quando um não quer’. Nossa missão é a da boa imprensa. O nosso fito, no meio da imprensa natalense, é o de proporcionar a mocidade algumas horas de distração na leitura de críticas inocentes (O FON-FON, 1920, p.1)

O *Papa-figo* anunciava ser “defensor das boas ideias e invencível e obstinado advogados de todos os oprimidos, inimigo inamovível de almofadinha que desfibra a raça e não tem coragem de gritar conosco” (O PAPA-FIGO, 1922, p. 1). Por sua vez, *O Olofote* de 1919 surgia “disposto a clarear tudo que estivesse no escuro. E agora, ainda mais disposto, eu estarei prompto a escutar vossa reclamação e bater os atravidos, audaciosos, faladores, etc etc etc. Não recues um passo por aqui, nada há a recear” (O OLOFOTE, 1919, p.1). Observemos que todos objetivos apresentados pelos jornais encontram-se veiculados já na primeira página, disposta à primeira vista (e leitura) de seu leitor. Identificamos também, nos escritos, que as três apresentações propõe-se a lançar críticas seja o qual for os seus direcionamentos, o que nos leva a crer que o humor veiculado nos jornais analisados não objetivava apenas alegrar o espírito do leitor natalense. Não obstante, devemos considerar também a existência de uma consciência crítica dentro da produção de imagens utilizando o artifício linguístico do humor.

A sátira e a ridicularização não são minorias dentro dos jornais que se propunha a fazer humor, como nos mostra a pequena notícia no décimo primeiro número de *O Olofote*, publicado em 16 de Março de 1919: “O matuto foi ao cinema e disse: - Seu Leal, o seu cinema é muito bom. Mas se o senhor não apagasse as luzes na hora da exibição seria melhor” (O OLOFOTE, 1919, p.3). O escárnio da imagem do matuto ao frequentar o cinema é utilizado para falar sobre as salas de cinemas, propositalmente, mal iluminadas. A frequência aos cinemas Royal e Polytheama certamente não faziam parte do dia-a-dia do matuto, já que o cinema é um dos símbolos da diversão da massa proporcionada pela modernidade na cidade e seus habitantes civilizados. Observemos a próxima sátira veiculada no mesmo jornal, no número de 13 de Abril de 1919:



Eu passando pela praça 7, tive a infelicidade de ver uma couza, com a qual me ri tanto que ainda estou com vontade de me rir: - Uma dessas nossas pretenciosas estudantes, encontrando uma amiga no passeio saudou-a da seguinte forma: - Bom suítez mão na minha, como perseval? -Tres briant, e tê briant... Agora os leitores, vejam a que ponto xegou a pretensão da língua alheia. (O OLOFOTE, 1919, p. 4)

Percebemos nesse outro fragmento extraído de *O Olofote*, uma ridicularização do dialeto natalense – deturpado pelos termos Franceses – na fala da estudante que conversava com a amiga na Praça 7 de Setembro, localizada no bairro da Cidade Alta. Ao considerarmos a existência de uma possível ambivalência do cômico, precisamos-se desconsiderar aqui este cômico como constituinte de um humor negativo. O cômico do qual os redatores do *O Olofote* utilizam-se não são funesto. As imagens produzidas pelos escritores-jornalistas ao descrever e narrar às cenas da cidade não são trágicas, mas sim produzidas para divertir e, concomitantemente, refletir.

A sátira das cenas do matuto que vai ao cinema e da estudante que fala em termos afrancesados na praça 7, por um lado, podem ter provocados risos em seus leitores. Por outro, as mesmas chacotas poderiam instigar reflexões sobre a impossibilidade de um matuto, como personalidade desprovida de renda, frequentar as caras salas do Royal Cinema e do Polytheama. Atentar o seu leitor para a exclusão proporcionada pelos cinemas modernos, no qual os ingressos eram mais caros a custos do que a aquisição de livros e de jornais (LUCA, 2012, p. 252). A sátira que caçoa do uso dos termos franceses pela estudante, talvez, buscasse fazer transparecer o caráter provinciano por meio da ridicularização da deturpação do dialeto natalense pela língua francesa; ou ainda provocar uma resistência ao afrancesamento da cidade do Natal, ainda que essa mesma cidade apresentasse uma obsessão pelo progresso e civilidade da cidade-modelo de modernidade: Paris.

Descrever e narrar a vida social na urbe natalense e seus atores recorrendo, ao cômico não significava debater temáticas de forma menos profunda do que a que se dava na seriedade dos jornais da “Grande Imprensa” *A República* e *O Diário de Natal*. Em 09 de Agosto de 1920, as páginas d’*A República* passaram a veicular, sempre em suas primeiras páginas (na seção Telegrammas especiais), notícias acerca da visita do Rei Alberto I e da Rainha Elizabeth da Bélgica ao Brasil. Os jornais datados do dia 14 e 15 de Setembro de 1920 relataram, a partir das notícias difusas no Rio de Janeiro, a programação das atividades dos soberanos belgas para a estadia no Brasil (A REPÚBLICA, 1920, p.1). Em análise percebemos críticas direcionadas a visita dos soberanos belgas no Brasil nas páginas do primeiro número de *O Fon-fon*, de 26 de Setembro de 1920:



O rei héroe já está no Brasil, e apesar de não sermos literattos, nem nos ocuparmos com altos problemas, na qualidade de brasileiros nos sentimos felizes, honrados, com esta visita. No Rio, as festas devem estar no auge. Por muito tempo ainda, será o rei da Bélgica o assumpto do dia.(...) O Brasil vae gastar muito dinheiro. É verdade. Porém que importa? Não estão os cariocas se divertindo... Que se importa que acabe o dinheiro e o nordeste continue a soffrer misérias... a gosar dos horrores da seca... E... viva o rei! (O FON-FON, 1920, p.4)

Observamos, no fragmento acima, um trecho de *O Fon-fon* carregado de um excesso de ridicularização e sátira. Inicialmente, o escritor da coluna, intitulado pelo pseudônimo de “Esquilo”, já indica para uma circulação da notícia acerca da visita régia entre os “verdadeiros” homens de letras e os jornais que se ocupam com “altos problemas” – como, por exemplo, *A República*. Não apenas a circulação, mas a visita como assunto comentado cotidianamente ou difundido nas páginas diária dos periódicos no Brasil. Por fim, há uma crítica nítida direcionada aos gastos movidos para a visita dos reis belga ao invés de investir-se no “problema da seca”. Em uma publicação anterior, correspondendo ao jornal do dia 10 de Setembro de 1920, *A República* relata que os gastos da estadia dos soberanos no Brasil despenderia um “total de trinta mil contos de réis” (A REPÚBLICA, 1920, p.1).

As críticas de *O Fon-fon* não cessam por aqui. No quarto número do jornal, os redatores do Periódico literário humorístico transmitem uma mensagem ao rei belga: “Rei Alberto, Rio: Homem, vá embora logo. Si não fores, acabas condecorando até os postes da avenida Beira mar” (O FON-FON, 1920, p.2). O pequeno trecho faz chacota das veneras promovidas pelo rei Alberto ao Brasil. Como pode-se perceber, os fragmentos transformam a notícia sobre da vida social – nesse caso, de caráter nacional – em uma sátira que chama a atenção para os gastos e prejuízos excessivos ocasionados pela visita real. Nas páginas de *O Papa-figo* também identificamos a veiculação de críticas em formas de ridicularização. Na coluna “Bollando as trocas”, de 22 de Dezembro de 1922, em seu primeiro número, o jornal escreve sobre “o almofadinha”:

Em Natal é comum, hoje, o uso requintado dos apetrechos almofadinhas e os nossos melindrosos se arrogam de tal sufficiencia que teremos talvez, antes do fim do anno, alguns delles usando saias, casacos bem decotados sem manga e quasi feito de fazendas transparentes, sapatos a Luís XV, meias comprida e de sêda branca, etc etc etc. (...) Quem diria jamais que o sexo masculino se degenerasse a ponto de efeminar-se quasi por completo! O que não diriam os nossos antepassados, para quem o bigode e a barba symbolisavam o respeito masculino do indivíduo? (O PAPA-FIGO, 1922, p.2)

Os “almofadinhas” correspondiam a uma personagem-estereótipo que figurou nos discursos dos periódicos da década de 1920 para exemplificar uma subversão a forma de comportar-se normatizada pelas relações de gênero – masculino e feminino. Como podemos

observar na citação acima, os “almofadinhas” natalenses possuíam feições afeminadas contrapondo-se aos comportamentos de costume na cidade. O almofadinha é (d)o contraste, (d)o estranhamento e (d)a ruptura de significados (SALIBA, 2008, p.21). Os escritos de *O Papa-figo* critica o surgimento desse “novo tipo” com mudanças na indumentária contrariando-se aos homens de barbas e bigodes.

As cenas da vida urbana natalense eram anunciadas, em sua grande maioria, utilizando-se como recurso linguístico o humor, do ridículo, da sátira. Pensar a sátira dotada de um profundo sentido filosófico riso remete-nos à análise do ensaísta russo Mikhail Bakhtin acerca das obras produzidas pelo escritor renascentista François Rabelais. O riso “é um ponto de vista particular sobre a experiência, não é menos profundo que a seriedade” (BAKHTIN, 1993, p. 23). A recorrência ao riso trata-se de uma finalidade ambivalente, ou seja, um riso alegre destinado a divertir, ligeiro, e, o mesmo riso, com profundo valor de concepção de mundo. Desse modo, *O Olofote*, *O Fon-fon* e *O Papa-figo* faziam parte de um conjunto de outros doze jornais que circulavam na capital potiguar, apresentando como finalidade promover o humor.

É importante enfatizarmos que o recurso cômico não apareceu durante a República, mas foi nela que este se intensificou e ganhou novas dimensões. Todavia, apenas no século XX que percebemos o surgimento de jornais literário-humorístico em circulação na cidade do Natal. De acordo com Saliba, o recurso cômico não era apenas pouco difundido devido à inexistência dos meios de difusão, mas havia um disfarçado desprezo da cultural em geral pela produção humorística. Apenas admitia o “bom riso”, não o humor que atacasse frontalmente algo ou alguém. Quando isso acontecia, a produção satírica era colocada nas margens do universo literário (SALIBA, 2008, p.43). Em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, os homens de letras que se destinavam ao humor eram estigmatizados e acusados de não fazer literatura. Sendo assim, a produção satírica acabava por ser alocada nas margens.

No que concerne à atuação dos homens de letras no periódico na cidade do Natal, ainda não podemos ainda aferir uma estigmatização e marginalização desses por parte do grupo letrado “dominante”. Ainda que a dependência, o apoio e o financiamento do grupo político dominante fossem fundamentais para a consagração dentro do universo literário potiguar, tal condição não impediu a configuração de outro grupo de letrados. Os homens de letras dos jornais literário-humorísticos almejavam a participação nas letras com propostas diferenciadas que utilizavam o recurso cômico como forma de transmitir e difundir concepções de mundo.

## Referência Bibliográfica

- BAKTHIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro/RJ: Editora Record, 1933.
- GURGEL, Tarcísio. *Belle Époque na esquina: o que se passou na República das Letras potiguares*. Natal/RN: editora do autor, 2009.
- LUCA, Tânia Regina de. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: editora Unesp, 2011.
- LUCA, Tânia Regina de. MARTINS, Ana Luiza (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.
- MELO, Pedro de Alcântara Pessoa de. *Natal de Ontem – figuras e fatos da minha geração*. Natal/RN: Sebo Vermelho, 2008.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- NEEDEL, Jeffrey D. A belle époque literária no Rio: o fim do século XIX brasileiro. In: \_\_\_\_\_. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.
- SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Rio: a representação humorística na história brasileira – da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SILVA, Antônio de Moraes. Grande Dicionário da Língua Portuguesa. Lisboa: editora Confluência, 1953. Volume V. 10 ed. p.765
- SODRÉ, Nelson Werneck. A grande imprensa. In: \_\_\_\_\_. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro/RJ: civilização brasileira S.A, 1966.

## Notas

<sup>1</sup> Os jornais mencionados compõem um acervo maior de periódicos e foram disponibilizados pelo Núcleo Câmara Cascudo, instituição voltada às pesquisas das temáticas norte rio-grandense – sobretudo, a literatura.

<sup>2</sup> A partir do ano 1898, o grêmio Polymathico – uma das agremiações literárias na cidade do Natal – publicou os livros Ruínas (versos) e Mãe (poemetos) de Henrique Castriciano durante sua atuação. Anunciou outras publicações futuras, porém o entusiasmo das publicações de livros não passou de um simples anúncio. Para mais informações sobre livros publicados pelo grupo Polymathico, conferir: MELO, Manoel Rodrigues (org.). Grupos literários da província. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: editora Potengi, 1971. Volume LVI – LVII – LVIII. P. 95 a 161.

<sup>3</sup> A *Revista do Rio Grande do Norte* era redigida pelo fundador Antônio José de Melo e Souza (senador de 1908 a 1920; governador no ano de 1907-1908; deputado estadual em 1892 e procurador da República no ano de 1895 a 1899), e ainda por Manoel Dantas (membro do Partido Republicano de Natal e presidente da intendência

---

municipal em 1923), Alberto Maranhão (irmão de Pedro Velho; governador 1900 a 1904; deputado federal de 1904 a 1908 e de 1915-1929), Henrique Castriciano (secretário do governo de Alberto Maranhão e vice-governador em 1913), Meira e Sá (desembargador (e presidente) do Superior Tribunal de Justiça e senador de 1907 a 1910) (PEIXOTO; 2012 - no prelo).

<sup>4</sup> Para mantermos uma coerência e evitar um possível anacronismo, a definição do vocábulo *holofote* foi extraída do dicionário que traz a expressão da época.